

Ciclo de debates

# PRECONCEITO

VIOLAÇÃO AOS DIREITOS HUMANOS E

SOFRIMENTO PSÍQUICO

## Capitalismo e barbárie

Boa noite.

Não sei se todos leram a convocatória, mas a propósito do epígrafe de Einstein escolhido pelo CRP-SP para amparar este debate, queria fazer observar que as pesquisas sobre a fissão atômica que deram em Hiroshima estão em tudo relacionadas com a introdução da noção de Direitos Humanos no campo do direito internacional. Muito poderia ser dito sobre a história desta noção desde a Revolução Francesa até seu uso pela Organização das Nações Unidas para tentar responder ao indizível dos Campos. O real da segregação.

Lamento não ter podido estar no debate da semana passada, o que me impede conhecer o teor das discussões, mas antes de encarar a barbárie capitalista, o tema desta noite, cumpre lembrar que a segregação não é a consequência do preconceito. Ao contrário, é este último que constitui a apreensão imaginária, o pretexto, a elaboração secundária desse grande sintoma do sujeito moderno que é a *segregação* (há outro ao qual vou me referir dentro em breve).

O preconceito é o “conceito *prêt-à-porter*”; o lugar comum que se encontra à disposição dentro de uma determinada sociedade e momento histórico. É compartilhado por todos, mesmo por aqueles que o suportam na pele. Não é, porém, nada democrático, porque ao tomar sem crítica uma idéia recebida o sujeito do direito depõe sua capacidade de julgar e se entrega a um juízo feito alhures, por outros, em outro lugar. O que é a própria definição de totalitarismo, que outro decida por mim. Gosto da palavra *prejuízo*, que diz ao mesmo tempo o juízo sem razões e o dano decorrente dele: alguém sempre sairá prejudicado por esta condenação antecipada. A segregação é inerente ao modo como se constitui nossa subjetividade e não depende das contingências históricas e políticas. Como o preconceito, que reflete, ao contrário, o estilo com que determinada cultura num momento preciso de sua história apreende o fato estrutural da segregação.

Isto posto, vamos à barbárie do capitalismo, que é precisamente o que a democracia pretende controlar com maior ou menor sucesso. A democracia, que não é apenas um sistema de gerir o Estado mas antes um modo de associarem-se as pessoas entre si aceitando uma regulação do gozo recíproco, quer dizer, respeitando determinados limites na exploração libidinal, consentida ou não, de uns sobre outros. Limite que varia mais ou menos, conforme a sociedade (cf. o problema da pedofilia

dos estrangeiros de que também falaremos), mas que na democracia é remetido à responsabilidade individual do cidadão, precisamente por ser livre e dever responder pelas escolhas que faz. Limite que, no totalitarismo, está nas mãos do governo, único árbitro do Bem e do Mal de todos. Do que resulta que ninguém é responsável por nada do que lhe acontece, deve apenas obedecer, de preferência sem pensar (Puttin, homem da KGB soviética, começou a perceber esta diferença com o episódio do afundamento do Kursk, e de uma opinião pública que o confronta com a noção de responsabilidade).

Bem, a barbárie é a condição de bárbaro, que é o nome reservado pelos romanos para os estrangeiros ao império. Homens fora da civilização. Não vou entrar no mérito de se capitalismo e civilização coincidem e até que ponto ou em quais circunstâncias porque isso nos levaria longe de onde pretendo ir. Digamos, apenas, que o modo de produção capitalista, que coincide com a civilização a que pertencemos, tem a capacidade de gerar seus próprios estrangeiros. Estrangeiros produzidos internamente, se posso dizer assim, e que o sistema tem dificuldades crescentes em absorver. Ainda o tema da segregação. Para que saibam a que me refiro, digamos que cada sociedade se organiza mediante o recalque de determinado tipo de significantes —os mesmos que vêm à tona durante as análises, tomados da história particular de

cada paciente: é o encontro da história com a estória. Os estrangeiros produzem fascínio ou repulsão porque nos apresentam nossos significantes recalcados (eles recalcam outros, por isso pertencem a outra sociedade). Mencionei a pedofilia, é um bom exemplo: os gringos que aportam por aqui e pagam para comer nossas bem amadas criancinhas nos apresentam nosso próprio desejo pedófilo recalcado, por isso nos parecem tão monstruosos. Os brasileiros na terra dos outros também soltam suas frangas, só que se trata de outras frangas, mas para esses outros são tão chocantes quanto.

Ora, não é dos bárbaros gerados pelo capitalismo que se trata aqui mas da barbárie do capitalismo mesmo. A barbárie em questão está inscrita na forma mesma do sistema de produção e sua manifestação mais gritante é essa patologia do consumo que conhecemos como *toxicomania*, o outro sintoma maior de nossa civilização.

\*

Os corpos humanos estão integrados à máquina produtiva, muito além do círculo dos proletários a que Marx limitara tal submissão. No fim das contas, a definição mesma de capital é que um corpo faz parte do capital em detrimento de "seu" gozo. Isto deve entender-se em dois sentidos: o dono da mercadoria não pode servir-se dela se a quer como capital, e até nova ordem a mercadoria mesma não experimenta qualquer

forma de prazer (veremos isso no caso do Robo-cop, menos o policial que o proletário do futuro).

Do jornal de ontem:

Uma prostituta dinamarquesa foi autorizada a deduzir o custo de implantes de mama de seu imposto de renda porque a cirurgia era um investimento legítimo para melhorar os negócios [...]. De início as autoridades fiscais [...] rejeitaram o pedido, alegando que era difícil diferenciar o uso profissional do particular daquela parte do corpo, mas o conselho de apelação reverteu a sentença.<sup>1</sup>

Quando atenta para a força de trabalho como mercadoria, isto é, o corpo mesmo como ferramenta com cotação no mercado, Marx demonstra também que no sistema de produção capitalista a fronteira entre o consumidor e a mercadoria consumida às vezes é bastante fluida. Podemos debater se aqui se trata de prestação de serviços ou de mercadoria, mas não deixa de ser curioso o duplo estatuto do corpo, como suporte da satisfação pessoal do dono e como instrumento a serviço do gozo do cliente. A propósito, talvez fossemos mais longe na discussão sobre o *status* do psicanalista na sociedade colocando-o como um objeto produzido por um discurso, um produto, não como um prestador de serviços. Em todo caso, podemos concluir este ponto citando uma cafetina: “a gente sabe que está na hora de se aposentar quando começa a gozar com os clientes.”

---

<sup>1</sup> Estado de São Paulo, 20/09/2000.

Freud já notara que suprimos o corpo com aparelhos para compensar suas carências e seus limites naturais: óculos, próteses, órgãos artificiais; também binóculos, microscópios, satélites, telefones, carros, aviões, foguetes. Quando dizemos *ter* um corpo —e ninguém, a não ser num rpto orientalista (*what you eat, you are*), diz *ser* um corpo: Polanski, em *O inquilino*, indaga: "se cortarem minha cabeça, diria quê: 'minha cabeça e eu, ou meu corpo e eu?'"—. Quando falamos do corpo que possuímos estamos afirmando que nos servimos dele como uma ferramenta. Usufruimos dele, mas devemos cuidar de sua manutenção. Ia dizer que não podemos trocá-lo por outro de última geração, mas o fato é que estamos quase lá, porque se ainda não existem "replicantes", existe um verdadeiro *upgrading* para o corpo. Apenas mencionando a manipulação genética, que já tem as condições técnicas para a realização do sonho eugênico, recebi um catálogo de *The vitamin shop*, e fazendo a conta, parece que com U\$S 785 mensais pode-se permanecer jovem até morrer.

Deus, então, nos deu um corpo em usufruto, o que, em suma, quer dizer que pode ser usado... *pero no mucho*. Pode-se gozar, mas até um certo limite. Vejam o Robo-cop, coitado, um oficial de polícia que conserva parte de seu rosto e o cérebro, mas nenhuma alma. O resto é chips, plástico e metal. Tudo vai bem até reencontrar a que fora sua mulher. Aí entra em curto, digamos. O desejo por ela faz reaparecer sua alma

perdida o que cria um problema aos *designers*, que não previam semelhante contingência e fizeram apenas quatro membros para ele. O caso é que não tem um pênis e por isso supomos que não pode gozar, e se não pode gozar deduzimos que é um infeliz... Enfim, nada é menos seguro. Com certeza não tem que sofrer pelos humores daquele parasita como alguns de nós.

\*

Em todo caso, o que a tecnologia nos dá são chupetas, artefatos para botar na boca, em vez do nostálgico seio, dos quais nunca seremos desmamados. Engenhocas despejadas por toneladas no mercado, destinadas a captar a libido e provocar uma adicção. Porque o bom consumidor não pode mais se desvencilhar das bugigangas, do “bem” de consumo. O argumento que está em vias de tornar-se canônico é que este consumidor-consumido —do qual o toxicômano nos fornece a figura paradigmática— resulta da globalização crescente dos mercados, que oferecem os mesmos produtos para satisfazer todo os apatites. Antes que matar a sede, a Coca Cola deve satisfazer gregos e troianos; árabes e judeus; negros e brancos; russos e tchetchenos; nordestinos e sulistas.

A drogadicção, patologia do consumo absoluto, é o segundo grande sintoma de nossa modernidade. E com ele podemos concluir. O consumo de drogas na década de sessenta estava ligado ao ideal de um retorno à Natureza, tida como inocente, e de separação da Cultura, fonte de toda corrupção. Desde Joni Mitchell, convocando-nos a Woodstock, como antesala do Jardim do Éden enfim reencontrado, até nossa Elis Regina, pedindo uma casa no campo, estamos às voltas com um sincretismo quase religioso, quase ideológico (composto com elementos que juntavam desde o imaginário oriental até o *Ché Guevara*, passando pelo amor livre) que pregava uma purificação iniciática, que se iniciaria mediante uma abertura sensorial. Ou seja, a experiência química era concebida como uma antecipação do estado de graça que nos tornaria crianças outra vez, enfim livres da corrupção do pecado original. Penso em Huxley (*The doors of perception*), em Hopper (*Easy rider*), em Lennon (*Strawberry fields forever*) antes de *Cold turkey*, (porque a partir dali já começa a registrar-se os efeitos da overdose e da crise de abstinência; mas isso tudo foi depois da palavra de ordem "o sonho acabou").

O consumo de drogas nos últimos vinte anos não tem mais nada a ver com esta origem, talvez romântica (que um espetáculo calhorda como o vigéssimo aniversário de Woodstock, de olho no dólar, se encarregou de sepultar oficial e definitivamente). O objeto droga não é mais o mesmo,

quando deixa de estar tomado num ideal que faz dele o meio real para um fim simbólico. A droga hoje é a realização de um objeto imaginário denominado "o falo". Creio que Charles Melman está na pista certa quando sugere, como fez no Brasil há um par de anos, que a meta final do toxicômano está além do prazer da dose, na overdose. Esta conclusão é menos uma interpretação que uma dedução lógica. Onde as dificuldades enormes para tratá-los mediante a psicanálise que é um discurso endereçado ao sujeito, para ele se situar na realidade de sua satisfação, não para abolir sua subjetividade na aposta de um gozo infinito.

Como a experiência psicanalítica nos afeta enquanto consumidores é a questão com a qual deixo vocês esta noite. Conseguir, no plano da coletividade, algo além de revelar a viscosidade do gozo que engoma as diversas relações sociais? Pouco pode um doutrinamento ideológico frente à inércia do gozo induzido pelo objeto pulsional —a fragilidade das barreiras de sentido opostas pelos dispositivos sociais para se parar de fumar ou de beber, por exemplo, nos levam a perguntar pela potência da vontade frente ao apelo do oral.

São Paulo 21/09/2000

Conferência no ciclo de debates organizado pelo CRP-SP.